

Sarney reclama da falta de apoio

Desabafa que não governa com murros na mesa e critica o PMDB

JULIO ALCANTARA

JOZAFATA DANTAS
Enviado Especial

Pirassununga (SP) — “Estou fazendo o Governo que é possível fazer. Eu desejaria fazer muito mais do que realmente estou fazendo”, desabafou ontem o presidente José Sarney, ao afirmar que sempre se recusou a dar “um murro na mesa” para governar sem a interferência das várias correntes políticas, que praticam, em sua maioria, o clientelismo e o fisiologismo. Sarney acha que sem a sua prudência e temperamento o País estaria mergulhado na ditadura e no terrorismo.

O presidente Sarney reclamou a falta de apoio político, especialmente do PMDB, e por isso vem procurando fazer o seu Governo de acordo com a realidade, sem atropelar os fatos, e harmonizando os conflitos, sem colocar à sua vontade, paixão ou emoção como afirmou depois de participar da solenidade de formatura dos cadetes da Força Aérea em Pirassununga. Mas, de certa forma, o Presidente demonstrou estar conformado com a realidade, ao argumentar que “atualmente cada um tem um projeto pessoal que é bem melhor, que deve se curvar às circunstâncias”.

A falta de apoio ao governo Sarney não vai ser resolvida pelo Centrão. O Presidente não conta com o suporte do grupo para negociar grandes temas importantes como a dívida externa, já que a elaboração da nova Constituição tem emperrado os entendimentos.

Sarney disse que não pode contar com o Centrão, porque não é um partido e vários deputados que assinaram o documento assumiram o compromisso somente para alterar o regimento interno da Assembléia Constituinte.

Sarney está determinado a tratar somente a partir de agora de problemas administrativos. Ele disse que não vai mais interferir nos trabalhos da Constituinte, e prometeu cumprir qualquer decisão, já que jurou defender a Constituição. “Esse é um dever que eu tenho com o meu País. Eu não jurei para não cumprir”, garantiu. Ele disse que defendia os cinco anos de mandato diante dos interesses do País, e não por problemas de natureza pessoal. E, para que a sua atuação não seja interpretada como de interesse pessoal, vai entregar à Constituinte a tarefa de decidir.

O retardamento da conclusão da nova Constituição é ruim para o Governo e para o País, inteiro, afirmou Sarney, que reconheceu os problemas enfrentados pela Constituinte. Ele não quis fazer maiores comentários, mas criticou a minoria que quer impor o seu pensamento, que colocou alguns pontos no anteprojeto aprovado pela Comissão de Sistematização que tornam o País ingovernável.

Mas, Sarney acredita que o entrosamento entre os progressistas e os membros do Centrão vai resultar uma Constituição moderna, que atenda os interesses do País. Ele disse que esse é o seu desejo.

— Esse assunto eu já tive oportunidade de dizer que eu não tenho nenhuma interferência, não vou ter, não desejo ter. Quando eu falei em cinco anos, eu achava que era um prazo necessário à consolidação do processo da transição democrática. Mas o que a Constituinte decidir eu estarei pronto a apoiar e viabilizar, porque eu acho que ela é livre e soberana, é a expressão da vontade do povo brasileiro e, portanto, eu só terei que apoiar, sem de nenhuma maneira interferir.

Presidente, será que o PMDB é o responsável por esse período de instabilidade que o Brasil está atravessando? O sr. mencionou isso?

— Não, o que eu disse na realidade é que eu não tenho tido o apoio maciço de um partido político. Todos têm de saber que durante esse período a faixa de ocupação política foi dividida. O PMDB se dividiu, isso de certo modo desestabilizou o apoio político que o presidente queria para o processo da transição, mas eu me mantive em absoluta tranquilidade, com determinação, para fechar o processo da transição democrática. Se nós compararmos o Brasil com outros países do mundo, nós vamos verificar que estamos terminando este ano com o País crescendo, com todas as di-

vidade: não procurar atropelar os fatos, não impor a minha vontade ou a minha paixão e emoções a um processo que decorre justamente da posição que eu tenho de presidente da República. Eu tenho que exercer aquilo que um presidente deve ser, num País democrático: harmonizar os conflitos. Já está o segredo da paz.

O sr. conseguiu harmonizar todas essas intenções? Há algum impedimento?

— Não, o problema é que ninguém faz o que quer. Todos nós, pessoas humanas, fazemos o que podemos fazer. Naturalmente, cada um dos senhores jornalistas tem um projeto pessoal que poderia ser bem melhor, mas que está submetido à realidade. O presidente não foge à essa regra.

Presidente, o sr. acha que o povo brasileiro é feliz?

— Olha, eu acho que nesse instante o povo brasileiro não deve ingressar na linha do protesto, do ressentimento. O povo brasileiro tem tudo para realmente saber que este é um País destinado a ter um grande futuro. Mas se ele se perde hoje, nessa fase de pessimismo, se ele consegue inocular esse desânimo, evidentemente isso prejudica o futuro, não dos que vivem hoje, mas das futuras gerações. Por isso, eu sou sempre otimista.

Sarney põe Centrão em cadeia de rádio

A demonstração de força do Centrão, com duas vitórias seguidas na Constituinte, encorajou o presidente José Sarney a criticar, também, as esquerdas que atuam na Assembléia. Em seu programa “Conversa ao Pé do Rádio”, de ontem, ele afirmou que “a Constituinte não pode ser julgada por uma minoria que tentou, nestes meses, dar-lhe uma aparência nacional de uma balbúrdia institucional”.

Aos brasileiros e brasileiras o Presidente da República afirmou que a Constituinte vai fazer um trabalho sério”, e para isso, ela conta com uma maioria de homens públicos que pensa no Brasil e no seu futuro”, é conclama todos a “confiar nesses homens”. O Presidente espera que a nova Constituição seja moderna para servir a um Brasil moderno e diz que estará pronto “para ajudar de todos os modos a Constituinte a exercer sua soberania, decidindo livremente e podendo tomar qual-

quer decisão, inclusive, em relação ao meu mandato”.

O ano de 87, disse o Presidente, foi muito difícil, com inflação alta, “a economia fugiu de um certo modo do nosso controle e tivemos que tomar medidas difíceis, impopulares, e eu arqueei sozinho com o ônus destas medidas”. Ressaltou, porém, que o País chega ao final de 87 com queda no nível de desemprego, “em paz e eu tenho a consciência do que tenho feito pela democracia em nosso País”, com paciência e tolerância.

Ele lembrou que se o País tivesse hoje um Presidente que quisesse impor sua ambição, exercer seus poderes para impor a sua vontade, “para dar o famoso murro na mesa que muitos têm me aconselhado, nós estaríamos hoje ou na ditadura ou no terrorismo”. Mas o Brasil, disse, não deseja nem uma coisa nem outra. “O País deseja paz e tranquilidade”.

O que disse o Presidente

Presidente, é verdade a afirmação de que o sr. teria dito que poderia haver uma ditadura no Brasil?

— Não, eu não afirmo que haveria ou não ditadura no Brasil. O que eu disse é que, com o meu temperamento, a minha prudência, eu tenho me recusado sempre a todos que dizem que é a hora de “murros” na mesa. Eu acho que num momento de transição o que nós devemos é sempre buscar o diálogo e, não, soluções que possam afastar todas as correntes que existem no País, ideológicas e políticas, de uma participação na vida nacional.

Como o sr. vê a possibilidade do plenário da Constituinte aprovar os cinco anos para o sr.?

ficuldades, mas crescendo, o País em paz, a taxa de desemprego caindo. Enfim, nós não vamos terminar o ano sem ter conquistas com uma consolidação e participação de novos setores.

O sr. está fazendo o governo que gostaria de fazer?

— Eu acho que estou fazendo um governo que é possível fazer. Desejaria fazer muito mais do que realmente nós estamos fazendo. Mas governar não depende somente de nós. O presidente não é o senhor do mundo, ele não pode tudo. Ele é submetido à realidade daquilo que ele pode fazer. Eu tenho, com humildade, tido essa sensibi-